

O ensino do discurso reportado sob uma abordagem enunciativa

Duane Valentim

Abstract: This article aims at providing an overview about the way reported speech has been approached in grammar school and consequently in the didactic materials. As specific objectives we intend to present examples of activities about the reported speech exploring the students' epilinguistic activity. We are based on the A. Culioli's Predicative and Enunciative Operations Theory (1999) and Rezende (2008; 2011), the former for the linguistics concepts, and the later for the discussions between theory and the teaching context. The methodology is based on the observation of the students' oral production when they are stimulated to learn considering the epilinguistic activity.

Introdução

No presente texto, apresentamos um panorama geral de como as gramáticas e os materiais didáticos abordam o conteúdo *enunciação reportada* a fim de, posteriormente, propormos uma forma de trabalho sobre o mesmo tema, tendo em mente a atividade epilinguística e os objetivos do ensino de língua materna.

Para a elaboração do exercício didático que propomos, baseamo-nos na Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas (TOPE) iniciada por Culioli (1999), e em algumas das reflexões de Rezende (2008; 2011), aquele pelos conceitos linguísticos e esta pelo diálogo entre a mesma teoria e a prática de ensino de língua materna.

As gramáticas e o ensino do discurso reportado

As gramáticas, de maneira geral, apresentam como sendo três as formas de discurso reportado: o discurso direto (DD), o discurso indireto (DI) e o discurso indireto livre, classificações atribuídas conforme o reconhecimento de características que definem tais discursos, como a pontuação, a presença de verbos de *elocução*, a função do narrador como indicador das falas das personagens ou como quem incorpora em seu próprio discurso a fala das personagens, e a manutenção ou transposição dos verbos, dos advérbios e

dos pronomes. Quanto ao discurso indireto livre, este raramente é abordado nas gramáticas, quando abordado, a definição se concentra sobre o fato do narrador atravessar o pensamento ou a fala da personagem, o que é exemplificado com trechos de obras literárias.

Ao analisarmos livros didáticos do Ensino Fundamental II do Brasil (ciclo em que se concentra o ensino da enunciação reportada), foi possível notar grande proximidade entre a parte teórica dos materiais didáticos e os conceitos contidos nas gramáticas consultadas. A aproximação se dá em termos das definições propostas de discurso direto e indireto, pela pouca exploração do discurso indireto livre e pela sistematização com tabelas em que se discute a transposição de um tipo de discurso para o outro.

Verificamos também que grande parte dos exercícios sobre a enunciação reportada não oferece caminhos para que aluno se aproprie do processo de significação, mas propõe identificação dos discursos e memorização de estruturas. Não dizemos com isso que no ensino não se deva formalizar as características da enunciação reportada, seja ao nível da pontuação ou de alterações morfossintáticas requeridas em exercícios de transposição. Nossa crítica refere-se ao trabalho voltado apenas para a estabilização de estruturas, o que acaba por restringir os diferentes

olhares que podemos proporcionar ao aluno sobre os diversos sentidos gerados nos enunciados.

Pressupostos da TOPE e ensino da língua materna

O trabalho com a linguagem está previsto nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)¹ (1999: 28): “A atividade mais importante [...] é a de criar situações em que os alunos possam operar a própria linguagem, construindo pouco a pouco, no curso dos vários anos de escolaridade, paradigmas próprios da fala de sua comunidade, colocando atenção sobre as condições e diferenças de formas e de usos linguísticos, levantando hipóteses sobre as condições contextuais e estruturais em que se dão. É a partir do que os alunos conseguem intuir nesse trabalho epilinguístico, tanto sobre os textos que produzem como sobre os textos que escutam e leem, que poderão falar sobre a linguagem, registrando e organizando essas intuições”.

No excerto acima, destaca-se a importância dada ao trabalho com a linguagem e ao fato desta estar relacionada com a atividade epilinguística. A linguagem, no quadro teórico que nos pautamos, é compreendida como uma atividade, um trabalho de representação, referenciação e regulação. Quando concebida dessa forma no ensino, permite perspectivar o trabalho de compreensão que cada aluno faz para construir a sua experiência singular por meio de um autoconhecimento que traz o conhecimento do outro. Como nos explica Rezende (2011: 707), uma concepção de linguagem como trabalho: “[...] insere o sujeito falante, ouvinte, leitor, escrevente/escritor/autor, professor, aluno no centro do processo de atribuição de signifi-

cados aos textos orais e escritos das línguas. Em outras palavras: arranjos léxico-gramaticais das línguas apontam apenas para uma grosseira direção de sentido e cabe aos sujeitos, por meio de um trabalho ou atividade, determiná-los, atribuir-lhes significados”.

Em relação à atividade epilinguística, ressaltada nos PCNs, segundo Culioli (1999), trata-se de uma atividade metalinguística não-consciente que envolve operações formais e cognitivas. Essa atividade em contexto escolar, de acordo com Rezende (2008: 96), pode “ensinar o aluno a pensar seu próprio pensar”, isto é, a refletir sobre seu próprio raciocínio. É possível, então, conduzir o aluno para a apropriação do cenário enunciativo em um movimento de reflexão sobre a origem de seu próprio discurso, estabelecendo comparações, fazendo analogias, reformulando e organizando os enunciados que constrói.

Exemplo de exercício

Entendendo a linguagem e atividade epilinguística como norteadores do ensino de língua materna, apresentamos, a seguir, exercícios que elaboramos a partir do texto “A morte da tartaruga”, de Millôr Fernandes (2003). Trabalharemos com quatro enunciados do texto que apresentam diferentes casos de enunciação reportada e buscamos explorar a alteração das coordenadas enunciativas, a reorganização do léxico, a adequação ao contexto, a entonação e valores apreciativos.

Enunciado 1

A mãe disse que comprava outra, mas ele respondeu que não queria, queria aquela, viva!

Neste enunciado, há uma convergência das vozes do enunciador (S_0)² e locutor

¹ Os PCNs são referenciais normativos que norteiam as equipes escolares a nível nacional. São divididos em disciplinas e entre Ensino Fundamental e Médio.

² Na base da construção de valores de intersubjetividade, está um sistema de operações segundo qual o sujeito enunciador (S_0) cons-

(S₁), como se a enunciação reportada fosse partilhada por narrador e personagem, fato mais nitidamente notado pela repetição de “queria” e pela exclamação. Objetivamos, com esse enunciado, levar o aluno a compreensão da relação de localização de identificação entre S₀ e S₁ (S₀ = S₁) e, por meio de algumas manipulações nas coordenadas enunciativas, explicitar a alteração da entonação e da expressividade.

S₀ = S₁: *Ele respondeu que não queria, queria aquela, viva!*

Pode-se solicitar ao aluno que faça a alteração para a diferenciação de enunciador e locutor (S₀ ≠ S₁), que, conseqüentemente, altera o tempo (T). Com isso, passamos do que tradicionalmente se chama de discurso indireto livre para discurso direto. Obteríamos, por exemplo:

Ele respondeu:

- Não quero! Quero essa viva!

Do mesmo modo, pode-se ter S₀ ≠ S₁, mas mantendo o mesmo tempo, o que poderia gerar o seguinte enunciado:

Ele respondeu que queria aquela viva.

Além de uma discussão sobre as diferenças de sentidos, pode-se tratar sobre as mudanças de entonação e de expressividade presentes nas três diferentes formas de reportar a mesma enunciação.

Enunciado 2

A mãe lhe prometeu um carrinho, um velocípede, lhe prometeu uma surra, mas o pobre menino parecia estar mesmo profundamente abalado com a morte do seu animalzinho de estimação.

trói uma cadeira de sujeitos com estatutos teóricos diferentes: um sujeito locutor (S₁) e o sujeito do enunciado (S₂). Entre S₀, S₁ e S₂, se estabelecem valores de identificação (S₀ = S₁), diferenciação (S₀ ≠ S₁), ou ruptura.

Nesse trecho é o narrador quem conta a reação da mãe diante do choro de seu filho. Pode-se solicitar ao aluno para reescrever o mesmo trecho, agora, na voz da mãe. A discussão pode ser feita em torno do verbo “prometer” como declarativo que com “dar um carrinho” ou “um velocípede” não causa estranhamento, mas “Eu prometo que lhe dou uma surra” alcançaria um sentido semelhante ao sentido contido no texto quando o “prometer” é dito pelo narrador? Variando o termo “surra” por “apanhar” ou “bater”, teríamos uma melhor adequação ou seria mais apropriado substituir o declarativo “prometer” por outro verbo? Para responder tais perguntas, o aluno buscaria informações em suas experiências como falante e, dessa forma, estamos inserindo-o no centro do processo de atribuição de significados.

Enunciado 3

A mãe disse: “Está aí assim há meia hora, chorando que nem maluco. Não sei mais o que faço. Já lhe prometi tudo mas ele continua berrando desse jeito”.

Aqui, temos como objetivo mostrar ao aluno que os valores de apreciação se alteram conforme quem enuncia. Pode-se solicitar a reescrita do enunciado na voz do narrador. Teríamos:

A mãe disse que o menino estava ali assim há meia hora, chorando que nem um maluco e não sabia mais o que fazer. Ela lhe prometeu de tudo, mas ele continuou berrando daquele jeito.

No exemplo de reescrita, sublinhamos algumas palavras que se relacionam com a apreciação realizada pela mãe e que, quando ditas pela voz do menino, precisam ser pensadas. Se mantivermos as apreciações feitas pela mãe quando passadas para a voz do narrador, pode-se obter o que tradicionalmente se classifica

como discurso indireto livre. Se modificarmos, por qual léxico substituiríamos? A discussão a cerca dessas marcas apreciativas quando dita por diferentes enunciadores, gera diferenças que merecem ser trabalhadas em aula.

Enunciado 4

A tartaruga estava andando de novo, normalmente. “Que bom, hein?” - disse. “Ela está viva! Não vamos ter que fazer o funeral!”. “Vamos sim, papai” - disse o menino ansioso, pegando uma pedra bem grande. “Eu mato ela”.

Nesse enunciado, temos como objetivo mostrar que o contexto pode auxiliar na construção da entonação e da enunciação reportada. Discutindo com os alunos sobre a entonação quando o personagem diz “Que bom, hein?”, na reelaboração do enunciado para passarmos para a voz do narrador, precisaríamos também de uma marca que traga expressividade e que dialogue com o contexto em questão. Por exemplo:

“Que bom, hein?” \Rightarrow *O pai disse que era muito bom o fato da tartaruga estar viva.*

“Vamos sim, papai” \Rightarrow *O menino contestou que, pelo contrário, iriam [fazer o funeral].*

Devido ao conhecimento do contexto (o fato da tartaruga estar viva e o menino querer fazer o funeral mesmo o seu pai dizendo não ser mais necessário) conseguimos passar a voz do pai e do menino para a voz do narrador valendo-nos, por exemplo, das palavras sublinhas nos trechos acima reescritos. Quanto à entonação, é necessária uma reflexão sobre o que acontece com a expressividade quando fazemos manipulações que alteram as vozes de quem enuncia para que, dessa forma, o aluno compreenda que as escolhas não são aleatórias e envolvem varia-

das questões que devem ser consideradas na compreensão e interpretação de textos.

Algumas considerações

Buscamos apresentar uma proposta de exercício sobre o tema enunciação reportada com apelo a atividade epilinguística desenvolvendo exercícios de forma a trabalhar com a alteração das coordenadas enunciativas, com os valores apreciativos, com a reorganização do léxico, com a entonação e com a adequação da enunciação reportada ao contexto. Valemo-nos, para tanto, de exercícios que solicitam manipulação dos enunciados, operando diretamente sobre a linguagem a fim de mostrarmos aos alunos que as escolhas que se dão a respeito da enunciação reportada não são aleatórias e variam de acordo com a intenção de significação desejada, o que deve ser considerado na produção e interpretação de textos.

Referências

- Brasil. (1999). *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília: MEC.
- Culioli, A. (1999) Conditions d’utilisation des donnés issues de plusieurs langues naturelles. In *Pour une linguistique de l’enonciation: formalisation et opérations de repérage*. Paris: Ophrys, v. 2, pp. 67 – 82
- Fernandes, M. (2003) A morte da tartaruga. In: *Ciranda de contos*. São Paulo: Quinteto editorial, pp. 28-31.
- Rezende, L. M. (2008) Atividade Epilinguística e o Ensino de Língua Portuguesa. *Revista do Gel*, São Paulo, v.5, n.1, pp. 95-108.
- Rezende, L. M. (2011) A indeterminação da linguagem e o conceito de atividade no ensino de língua materna. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 40, n. 2, pp. 707-714.